

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



CONSCIÊNCIA e ATIVIDADE:

Categories fundamentais da psicologia

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



CONSCIÊNCIA e ATIVIDADE:

Categories fundamentais da psicologia

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C755 Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-241-5

<https://doi.org/10.22533/at.ed.415213006>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Consciência e Atividade: Categorias Fundamentais da Psicologia*, reúne em seu primeiro volume, dezessete artigos que abordam diversas temáticas no que diz respeito às questões fundamentais da Psicologia na contemporaneidade.

Elencam como categorias fundamentais do pensamento Psicológico, os conceitos de Consciência e Atividade Humana quer seja através de seus comportamentos observáveis, quer seja pela atividade cognitiva.

Fundada nas bases do pensamento cartesiano e pelo empirismo a Psicologia continua ainda hoje com grande ascensão no que diz respeito aos atos humanos.

Pesquisas notórias nos diversos avatares da psicoterapia, na avaliação neuropsicológica, nos estudos das relações interpessoais na sociedade como um todo são reunidas aqui para fazer avançar ainda mais o campo psicológico.

Desejo uma excelente leitura dos artigos que se seguem.

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

TORNANDO-SE TERAPEUTA: TECENDO VIVÊNCIAS EM SAÚDE

Eloisa Mendes Ferreira Freitas

Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4152130061>

CAPÍTULO 2..... 13

A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA COMO ARCABOUÇO TEÓRICO PARA INVESTIGAÇÃO SOBRE A PSICOTERAPIA INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Jéssica Alana Kretzler

Chancarlyne Vivian

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4152130062>

CAPÍTULO 3..... 26

A PSICOTERAPIA SÓCIO-HISTÓRICA FRENTE AO SOFRIMENTO PSÍQUICO DOS UNIVERSITÁRIOS

Joyce Laís de Oliveira do Nascimento

Mateus Fortuna Lourenço dos Santos

Jeferson Renato Montreozol

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4152130063>

CAPÍTULO 4..... 32

MEMÓRIAS DA PSICOLOGIA BRASILEIRA: O PIONERISMO DE MADRE CRISTINA

Ádila Naiane da Silva Sousa

Maria Karolayne Lima de Almeida Silva

Otávio Edmundo de Moura

Rauanderson Roberto da Silva

Ana Paula Noriko Cimino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4152130064>

CAPÍTULO 5..... 39

MEMÓRIAS DA PSICOLOGIA BRASILEIRA: AS CONTRIBUIÇÕES DE ULISSES PERNAMBUCANO

Luciana Aline Farias de Melo

Maria Ana Almeida

Manoel Barboza da Silva

Ana Paula Noriko Cimino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4152130065>

CAPÍTULO 6..... 45

PROCESSO DE AVALIAÇÃO E A INTERVENÇÃO POR MEIO DE JOGOS: CAMINHOS PARA ENFRENTAR O FRACASSO ESCOLAR

Silvia Nara Siqueira Pinheiro

Gioggio Állix Almeida
Paola Leal de Oliveira
Talita dos Santos Mastrantonio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4152130066>

CAPÍTULO 7..... 62

A FAMÍLIA E A ESCOLA: UMA PARCERIA NECESSÁRIA

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4152130067>

CAPÍTULO 8..... 72

QUANDO O JOVEM SILENCIA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL JUNTO A ADOLESCENTES CONTEMPORÂNEOS

Amanda Farias Teski de Oliveira

Táise Maria Marchiori Soares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4152130068>

CAPÍTULO 9..... 86

MANIFESTAÇÕES E SENTIDOS DO ESTRESSE DOCENTE: ESTUDO QUALITATIVO COM PROFESSORES DE ESCOLAS ESTADUAIS DO INTERIOR PAULISTA

Murilo Abreu

Roseli Fernandes Lins Caldas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4152130069>

CAPÍTULO 10..... 105

LAS REPRESENTACIONES SOCIALES SOBRE LA ATENCIÓN A LA DIVERSIDAD EN LA LITERATURA INFANTIL

Miriam Persiani de Santamarina

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41521300610>

CAPÍTULO 11..... 110

LEITURA PARA CÃES: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA E TERAPÉUTICA COM CRIANÇAS EM AMBIENTE ESCOLAR

Magda Eliete Lamas Nino

Valéria Cristina Christello Coimbra

Helenara Plaszewski

Márcia de Oliveira Nobre

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41521300611>

CAPÍTULO 12..... 126

A MORALIDADE KANTIANA AOS OLHOS DA PSICANÁLISE

Bernardo Ebbres Bernardi

André Haiske

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41521300612>

CAPÍTULO 13.....	130
A CONFIGURAÇÃO DO RELACIONAMENTO NA PERSPECTIVA DO POLIAMOR	
Thaís Barros dos Santos	
Arthur Henrique Vitorino Araújo	
Fernanda Sardelich Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41521300613	
CAPÍTULO 14.....	143
EDUCAÇÃO POPULAR COMO MEIO PARA A SUPERAÇÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA	
José Kilder Salviano Cavalcante	
Cícera Mônica da Silva Sousa Martins	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41521300614	
CAPÍTULO 15.....	151
INTERSETORIALIDADE E SAÚDE MENTAL INFANTOJUVENIL: A COMUNICAÇÃO ENTRE CAPSi, SETOR EDUCACIONAL E FAMÍLIA	
Elana Fabricia Ferreira Araújo	
Nilzabeth Leite Coêlho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41521300615	
CAPÍTULO 16.....	165
CONTRIBUIÇÕES NA INTERDISCIPLINARIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM PSICOLOGIA	
Jennifer Renata Araujo Dinis	
Eliana Maria Cunha de Castro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41521300616	
CAPÍTULO 17.....	171
CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTO PARA AVALIAÇÃO DE OFICINAS TERAPÊUTICAS BASEADO NA TEORIA DAS NECESSIDADES HUMANAS BÁSICAS	
Virginia Rozendo de Brito	
Ana Socorro de Moura	
Ana Flora Fogaça Gobbo	
Adriana Inocenti Miasso	
Ana Paula Gobbo Motta	
Murilo Neves de Queiroz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41521300617	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	183
ÍNDICE REMISSIVO.....	184

QUANDO O JOVEM SILENCIA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL JUNTO A ADOLESCENTES CONTEMPORÂNEOS

Data de aceite: 01/06/2021

Data de submissão: 10/03/2021

Amanda Farias Teski de Oliveira

Pós-graduada em Metodologia do ensino de inglês como língua estrangeira, pós-graduada em psicanálise clínica e intervenção clínica
Rio de Janeiro/RJ
<http://lattes.cnpq.br/4624942496923529>

Táise Maria Marchiori Soares

Mestre em Teorias do Texto e do Discurso pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
PortoAlegre/RS
<http://lattes.cnpq.br/7683979443668237>

RESUMO: O presente artigo se propõe a refletir na dinâmica comportamental de jovens contemporâneos, com idades entre 15 e 18 anos, a partir de uma perspectiva que os visualiza em movimentos de silenciamentos e fala, em espaços presenciais e remotos de convivência e de aprendizado. Deseja-se, com isso, levantar as possíveis razões que os levam a desejarem abrir mão do direito à expressão e das trocas com seus pares, sobretudo em ambientes escolares, enquanto um comportamento no sentido oposto se dá em mídias sociais, nas quais parecem desejar uma exposição ao olhar do outro. O aporte teórico para embasar a reflexão baseia-se nas considerações de Mikhail Bakhtin e Michel Foucault sobre o sujeito, discurso e o outro, além das considerações de Vigostki sobre o aspecto social do aprendizado e da constituição

humana. Por outro lado, buscou-se oferecer uma abordagem das questões biológicas, psíquicas e emocionais inerentes à adolescência, que levassem a uma compreensão maior de como essa fase entre o fim da infância e a transição para a vida adulta pode afetar as questões comportamentais. Abre-se, então, a discussão na direção de uma proposta de intervenção, ancorada em dinâmicas de escuta e atividades lúcidas, para promoção de um trabalho multidisciplinar, no qual os profissionais de apoio envolvidos teriam função de mediadores. Nesta perspectiva, o jovem seria protagonista, através da troca de experiências, narrativas, impressões e dinâmicas nos espaços de intervenção psicossociais, tendo a oportunidade de se perceberem no outro, passando assim a encontrar, na escuta, possibilidade de resolução para seus próprios conflitos, fortalecimento de laços e constituição da sua subjetividade e do seu crescimento.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso, Intervenção psicossocial, Adolescentes.

WHEN TEENAGERS REMAIN SILENT: A PROPOSAL FOR PSYCHOSOCIAL INTERVENTION WITH CONTEMPORARY ADOLESCENTS

ABSTRACT: This article aims to reflect on the behavioral dynamics of contemporary adolescents with ages between 15 and 18, from a perspective that visualizes them in movements of silence and speech, both in face-to-face and remote spaces of coexistence and learning. Therefore, it is our goal to raise the possible reasons that lead them to wish to give up the right to expression and

other exchanges with their peers, especially in school environments, while a different behavior takes place on social media, in which they seem to desire an exposure to others' gaze. The theoretical contribution that supports this reflection is based on the considerations of Mikhail Bakhtin and Michel Foucault about subject, discourse and the other, in addition to Vygostky's considerations on the social aspect of learning and the human constitution. We also sought an approach to biological, psychological, and emotional issues inherent to adolescence, that would lead to a greater understanding of how this phase between the end of childhood and the transition to adulthood can affect behavioral issues. The present discussion opens towards an intervention proposal, anchored in peer listening dynamics and recreational activities, to put a multidisciplinary work into practice, in which the support professionals involved would have the role of mediators. In this perspective, the adolescents that participate of such activities would be the key players, through the exchange of experiences, narratives, thoughts, and dynamics in psychosocial intervention spaces, having the opportunity to perceive themselves in the other, thus finding in the listening practice the possibility of resolution for their own conflicts, strengthening ties and constitution of their subjectivity and growth.

KEYWORDS: Discourse analysis, Psychosocial intervention, Adolescents.

1 | INTRODUÇÃO

Entre vozes e silêncios, entre possibilidades e perigos, eis que adentrar a malha discursiva reveste-se de nuances muitas vezes não percebidas ao primeiro olhar. Como que pressentindo que tomar a palavra não seja algo assim tão inócuo, o sujeito se questiona se há possibilidades de não se dizer, e ao fazê-lo, retoma para si as atenções exteriores. Afinal, como já advertia La Fontaine, *a excessiva atenção que se presta ao perigo faz que muitas vezes nele se caia*.

O presente projeto visa à apresentação de uma proposta de abordagem com duplo viés: discursivo, por um lado, vislumbrado as dinâmicas de inserção e de exclusão no discurso, de constituição da subjetividade e do valor das trocas no crescimento e aprendizado; e psicossocial, de outro lado, investigando o papel do outro no olhar sobre si mesmo e sobre o outro; busca-se, através dessa dupla perspectiva, refletir sobre o modo como jovens de maneira geral em especial aqueles com idades entre 15 e 18 anos, conciliam movimentos de silenciamento e fala em espaços discursivos contemporâneos. A abordagem parte da forma como os mesmos se colocam nas redes sociais, principalmente na sua relação com o outro e com a imagem que projeta de si mesmo para o outro, e nas salas de aula, sejam presenciais ou remotas, onde se evidencia comportamento de auto-exclusão, aparentemente em um movimento contrário à busca pelo poder do qual a palavra se reveste. Em ambientes educativos presenciais, tal comportamento se apresenta na recusa em se manifestar verbalmente durante as interpelações de sala de aula, e pelo uso de roupas que tem a função de esconder o corpo e até mesmo o rosto. Já durante as aulas remotas durante a pandemia, esse comportamento manifesta-se pelas câmeras e microfones fechados, na recusa à interação com professores e com colegas de turma.

O assunto se reveste de relevância na medida em que buscamos uma compreensão das razões pelas quais esses sujeitos parecem se excluírem de um local privilegiado e exclusivo, ou seja, recusando-se aos movimentos de interação e troca com o outro. Além disso, buscou-se compreender se tal dinâmica implica prejuízos aos estudantes, na medida em que estes abrem mão de momentos de troca e de interação que se fazem de especial significância no processo de aprendizagem. Por fim, também se torna relevante à medida em que, ao identificar-se esse fenômeno e suas causas, será mais clara uma possível intervenção no sentido de mitigar essas possíveis perdas.

Inicialmente, buscaram-se subsídios nas páginas de Michel Foucault, e em Bakhtin, pois os dois teóricos oferecem visões acerca da realidade discursiva que instituem o sujeito e seus movimentos como parte do discurso, com conceitos de signo ideológico, exclusões e do outro discursivo como condição da subjetividade. Essa reflexão é muito importante para compreender os mecanismos que estão em jogo de silenciamentos a nesta proposta, uma vez que se instauram no terreno do discurso, e da aprendizagem, nos quais a relação com o outro desempenham papel fundamental. Em seguida, busca-se compreender como se dão os processos psicossociais de adequação do jovem à sociedade, para embasar o que se poderiam chamar de causas para o fenômeno em foco. Alguns pontos levantados por Piaget auxiliam a enquadrar a questão no âmbito escolar, já que é o palco onde os sujeitos da presente problemática se expressam, assim como contribuições de Vigostki para tratar das relações entre os jovens, o aprendizado e a interação, auxiliando a reflexão sobre o papel que cada um desses fatores desempenha nos movimentos de exclusão discursiva. Enfim, essa abordagem se explica na medida em que o outro é visto como peça indispensável de todo o processo dialógico, nas teorias tanto de Vigotski como de Bakhtin

Por último, apresenta-se uma proposta de mediação, fundada nos pressupostos acima, cuja base é a escuta de seus pares. Se é no outro e pelo outro que o sujeito enuncia e se coloca no discurso, se é através das interações e das trocas que os adolescentes aprendem, e é justamente dessa troca que se está abrindo mão no movimento de auto exclusão de fala, a proposta aqui é a de justamente resgatar o lugar da escuta do outro, como possibilidade de reinclusão do sujeito no seu próprio discurso, e na sua relação com a construção do seu aprendizado e do relacionamento com seus pares.

2 | ENTRE O SILÊNCIO E A FALA: QUEM ESTÁ COM A PALAVRA, AFINAL?

A palavra é uma instância de poder. Quanto mais se olha de perto para os fatos que nos rodeiam, sejam eles simbólicos ou não, mais se percebe o quanto a tomada da palavra reveste-se de um caráter de ação no mundo, a começar pelo ato inaugural bíblico, *Fiat Lux*, pelo qual o Verbo criador dá início à luz e, a partir daí, a todo o mundo como conhecemos. Incontáveis vezes encontra-se, em momentos mais cruciais, a ação no mundo instaurada pelo dizer da palavra: é o “sim” no altar que muda o status civil de

duas pessoas, cujo compromisso precisa ser enunciado em voz alta para uma plateia; é a ordem dada aos soldados pelos generais que dá início a embates sangrentos; é também pela palavra que toda a educação se constrói. A palavra é tão imbuída de valor, que as sobreposições culturais e as relações de prestígio que os países têm uns sobre os outros se mostram mais visivelmente pela predominância das línguas umas sobre as outras: se, em dado momento, o latim foi a língua franca e de prestígio, em outro momento o francês, ou o inglês, não é por outra razão que pelo fato de haver uma grande porção de poder percebida no mundo exercida pelos seus falantes, seja tal poder revestido de caráter econômico, bélico ou cultural. Afinal, nas palavras do pensador Foucault (1996, p.10) “*o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta ou oculta o desejo, nem aquilo que traduz os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar*”.

Engana-se quem pensa que a modernidade digital mudou essa verdade: o mundo atual, cheio de tecnologias digitais e suas peculiaridades apenas deu à palavra e ao discurso um novo palco – o espaço virtual. Mais ainda, um espaço onde as trocas se dão através das palavras e dos discursos em movimento. Talvez tenha ampliado o poder de disseminação da palavra, uma vez que se alargaram as possibilidades, as fronteiras. Inaugura-se, através do digital, da internet, uma liberdade antes nunca vista, onde todos querem ser vistos e ouvidos, sem a necessidade de contratos, permissões ou maiores apresentações.

É preciso, contudo, estar com olhos abertos a mais uma realidade que se impõe quando se trata de poder instaurado pela palavra: tal poder anda de mãos dadas com uma dinâmica que será chamada aqui, de duplo movimento discursivo no qual entram em jogo silêncio e a fala. O jogo ao qual se faz referência, e que coloca em relação os movimentos discursivos de exclusão e exposição do sujeito se evidenciam de forma muito atual e marcante no novo palco discursivo da internet, dos espaços digitais, em que certos grupos populacionais parecem cada vez mais afastados do desejo de tomar a palavra, enquanto outros grupos se tornam cada vez mais engajados, justamente por se identificarem com a pertença a instâncias discursivas antes vistas como restritas. Se, por um lado, há um grupo muito grande de pessoas que não têm acesso à educação formal de qualidade, muitas vezes beirando o analfabetismo, por outro lado há um número restrito de pessoas que, além de terem acesso à educação, possuem condições de participação em espaços de fala como grupos de debates, *youtube*, blogs, redes sociais, e salas de aula remotas. Contudo, no cenário atual, os dois grupos podem ser detentores do poder da palavra. A internet trouxe, com devidas proporções, a abertura a fala e ao diálogo antes pertencente apenas aos grupos de elite. Antes, o primeiro grupo era excluído dos principais debates, das discussões, não podendo dar opinião, tendo sido privado do direito de existir enquanto subjetividade pensante, não porque não quisesse participar, nem porque não tivesse o que dizer, mas justamente porque, privado das condições de autoria, sua fala não podia ser

levada em consideração.

Ora, como conciliar, então, esse movimento em que alunos abrem mão e se excluem voluntariamente da sua posição e lugar exclusivos, para se tornarem invisíveis e inaudíveis? Nesse jogo, faze-se nossas as palavras de Michel Foucault, *A Ordem do Discurso*, em seu célebre questionamento-provocação: “*O que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde está, afinal, o perigo*” (Foucault, 2010, página 8).

Foucault traz preciosos subsídios para refletir na presente questão, uma vez que na sua perspectiva, o saber, o poder, a verdade, o sujeito e a realidade são constituídos no discurso. O autor sinaliza mecanismos na sociedade que regulam manifestações de poder, relacionadas à palavra. Assim, Foucault (2010, pág. 9) nos fala sobre um sistema de exclusão de enunciados, em que existem sujeitos que controlam o que é dito e como é dito, em um sistema de interdições: a) o tabu do objeto; b) o ritual da circunstância e c) o direito privilegiado e exclusivo de quem fala. O autor ainda traz uma consideração que se faz bastante relevante para a presente reflexão: “*por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua relação como desejo e com o poder*” (pág. 10).

Se essa reflexão for transposta para as instâncias discursivas de sala de aula, seja ela presencial ou remota, iremos verificar que as três instâncias estão presentes: o professor tem o direito de selecionar os textos que sejam adequados e compatíveis ao conteúdo desenvolvido, até mesmo ao *ethos* da escola (tabu do objeto); os tipos de falas, acolhimentos, avisos, interpelação, testes são selecionados de acordo com o tipo de linguagem e adequação às faixas etárias (ritual da circunstância) ; autorizações de quem tem o direito a falar, em determinados momentos, como quando o professor explica e os alunos ouvem, momentos em que os alunos é que expõem seus trabalhos, ou respostas orais e leituras orais de textos, momentos de avisos e falas de membros da direção (direito privilegiado ou exclusivo de quem fala).

Assim, interessa-nos particularmente este último mecanismo, em que os jovens em foco no presente estudo, quando possuem o direito privilegiado de se colocar no discurso, conferido pelo professor, parecem preferir abdicar do seu direito privilegiado em momentos que estes são interpelados, ou instados a participar, mas escolhem o silenciamento. Na sala de aula remota, em que, muitas vezes, os alunos participam através dos seus aparelhos conectados à internet, basta clicar na câmera e esta desliga-se rapidamente, o mesmo acontecendo com o microfone.

Mesmo que tal exclusão seja voluntária, não deixa de ser importante. A bem da verdade, a razão pela qual a problemática acima se faz particularmente relevante para o presente estudo encontra-se no justamente no caráter voluntário dessa exclusão no âmbito educacional e social.

Trata-se de questionar quais as razões que levam jovens estudantes em idades

entre 15 e 18 anos, com boa articulação na sua língua materna, bom acesso a tecnologias digitais a abrirem mão se se expressarem durante as aulas quando instados a participarem. Ressalta-se que o momento histórico em que o presente artigo investiga essa questão é de suma relevância, já que se trata de momento singular em que o mundo inteiro é assolado pela pandemia de Covid-19.

Não se pode esquecer de quão importante o fator social das trocas é para a construção da identidade, para a construção das habilidades, dos saberes, e das práticas relacionadas as questões de ensino-aprendizagem. A própria construção da subjetividade está na interrelação com os adultos e com os colegas. Segundo o pensamento bakhtiniano da constituição do sujeito, de caráter dialógico, visto que, segundo Bakhtin, para ser sujeito, é necessário haver um outro que o constitua, não existe a possibilidade de haver um “eu” sem um “outro”, para o autor. Dessa forma, percebemos que o eixo da subjetividade se desloca para se centrar não mais no “eu”, mas agora centra-se no “outro”. Chega-se, então, ao ponto chave que norteia nossa busca por respostas: o homem não pode, portanto, ser pensado fora de suas relações sociais, uma vez que é nas relações com outros sujeitos que se constitui enquanto tal.

Agora, já se pode avançar para o ponto em que Bakhtin, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1988), publicado na Rússia em 1929, expressa a relação entre o psiquismo humano e o exterior, afirmando que o psiquismo humano, como produto social, situa-se no signo ideológico, pois este está na ligação entre o organismo e o mundo exterior. Esse ponto de vista trazido por Bakhtin é de central importância para nosso questionamento, visto que estamos tratando de sujeitos que podem se expressar através dos signos linguísticos, até mesmo nos novos espaços virtuais, mas que abrem mão de fazê-lo. Seria por excesso de preocupação com o olhar do outro, justamente desse outro que está sempre lá e que constitui a própria condição subjetiva?

Cabe lembrar que, nos dias atuais, os jovens de maneira mais forte e atuante estão presentes nas redes sociais, novo local de produção e circulação de discursos. Nessas instâncias, a presença do outro enquanto condição é visível, e alcança dimensão mensurável pelo número de likes, comentários, inscrições, “curtidas” e “descurtidas”. Mede-se a importância do que é postado, dito, compartilhado pela reação do outro. Mesmo que, para ganhar aprovação quantitativa, tenha-se que mostrar uma face que nem sempre condiz com a verdade: enquanto sujeitos atravessados pelo desejo de aceitação e pelas ideologias que os interpelam à palavra, mostram uma face ideal, uma narrativa de si mesmos, exterior e construída a cada postagem, comentário, tweet, e até mesmo pelo perfil de visitas aos sites.

Porém, abre-se um ponto de questionamento desse duplo movimento: por um lado, nas redes sociais, os jovens postam conteúdos das suas narrativas pessoais de vida, e aguardam ansiosamente pela reação do outro, que é quase instantânea, por outro lado, nos espaços escolares presenciais e remotos, esse olhar do outro parece perturbador, visto

que, de acordo com a nossa problemática inicial, existe um esforço em não aparecer, não ser instado a participar, não tomar a palavra, não responder. Ao contrário do que se poderia pensar, não se está negando a existência nem a importância do outro nesse movimento. Ao contrário, o outro é tão importante e tão onipresente, que sua percepção do sujeito-jovem pode feri-lo, causa-lhe tamanha ansiedade que é preferível ignorá-la em um movimento de retorno a si mesmo.

Por outro lado, há que se ter em mente que a linguagem, em toda sua importância como instrumento social, é analisada por linguistas e psicólogos, que a entendem como um precioso aparato das relações sociais, responsável pelo fortalecimento psicológico das relações humanas. Tal função vista como essencial serve de mediação entre o sujeito e o meio, bem como, atua como fator psicológico primordial evolutivo.

A função primordial da fala é a comunicação, o intercâmbio social. Quando o estudo da linguagem se baseava na análise em elementos, também esta função foi dissociada da função intelectual da fala. Ambas foram tratadas como funções separadas, até mesmo paralelas, sem se considerar a interrelação de sua estrutura e desenvolvimento (VYGOTSKY, 1998, p. 6).

Essa questão toma forma em *O autor e a personagem da atividade estética* (2003), escrito entre 1920 e 1923, em que o autor desenvolve sua perspectiva sobre como criamos a imagem sobre nós mesmos para os outros, além da imagem dos outros. Bakhtin considerou três instâncias do “eu”: o “eu-para-mim”, o “eu-para-o-outro” e o “outro-para-mim”. Assim, trata-se de um olhar inacabado, cuja existência depende do olhar que o outro tem dele. Nas palavras de Freitas (2013, p.191), “*essa tríade sintetiza uma perspectiva que pode ser aplicada para a compreensão da produção da subjetividade: um eu que se constitui a partir do outro mas na interação e não na fusão com o outro*”.

Percebe-se, a partir dessa linha de pensamento, como a alteridade tem papel central nas formas como os sujeitos-jovens se mostram nas redes sociais, tendo em vista a forma como o outro vai vê-lo. Da mesma maneira, a alteridade também determina a forma de se mostrar-esconder no âmbito escolar, já que, neste, o outro parece ser indesejável, mas de cuja onipresença não se possa escapar.

Enfrentar o fato de que ser visto e ouvido pelo outro é constitutivo da sua própria individualidade parece se constituir um desafio para os jovens contemporâneos, principalmente se considerarmos o que Vigotski traz sobre o assunto, ao tratar da dialética da relação do ser com o outro, do mundo e de si mesmo em *Imaginação e Criação na Infância* (2010, pág. 40):

Se a vida ao redor não o coloca diante de desafios, se as suas reações comuns e hereditárias estão em equilíbrio com o mundo circundante, então não haverá base alguma para a emergência da criação. O ser completamente adaptado ao mundo nada desejaria, não teria nenhum anseio e, é claro, nada poderia criar. Por isso, na base da criação há sempre uma inadaptação da qual surgem necessidades, anseios e desejos. (2010, p. 40)

Desta forma, para o autor, não se pode falar em construção da concepção de mundo e de si próprio sem cogitar a coletividade, os costumes, informações, valores e objetos presentes e disponibilizados por cada sociedade. Por isso, resta questionar, então, como está sendo constituída a subjetividade dos adolescentes contemporâneos que se excluem da troca e do olhar do outro. De que ordem seriam as perdas, os prejuízos de tal ausência auto imposta do sujeito? E por fim, que tipo de intervenção poderia ser proposta para mitigar essas perdas? Na tentativa de responder a essas questões, vamos prosseguir com o olhar cuidados sobre os processos peculiares da adolescência e como tal ausência poderia afetar os jovens.

3 I ADOLESCÊNCIA E SEUS PROCESSOS

Sabe-se que processos biológicos e psicossociais ocorrem na fase da adolescência. Nessa etapa da vida, o sujeito passa por diversas modificações, principalmente as de ordem biológicas que são marcantes, sobretudo no que diz respeito às mudanças corporais e fisiológicas, que influenciam as mudanças psíquicas e, por conseguinte seu comportamento social. Todas essas modificações servirão para a formação de sua identidade, passando gradativamente para a fase adulta. Este é, portanto, o momento de ressignificação de seu caráter. Para KNOBEL (1981, p. 31) *“o esquema corporal é uma resultante intrapsíquica da realidade do sujeito, ou seja, é a representação mental que o sujeito tem de seu próprio corpo como consequência de suas experiências em contínua evolução.”*

Uma vez que o objeto deste trabalho é lançar um olhar para o fenômeno que ocorre com os adolescentes, sobretudo no contexto escolar, vale destacar os comportamentos típicos apresentados no contexto presencial, que emergiram também no ambiente remoto de formas surpreendentes. Coisa muito comum é flagrar turmas inteiras usando moletom em um dia de calor extremo, mesmo durante atividades físicas, a fim de esconder o corpo e com isso preservar-se do olhar crítico dos colegas, que também estão passando pelas mesmas transformações. A simples possibilidade de ser comparado com os outros, ou de encarar suas próprias mudanças, pode ser algo assustador. Segundo OUTEIRAL (1994, p.10):

“vive o adolescente, neste período evolutivo, a perda de seu corpo infantil, com uma mente ainda infantil e com um corpo que vai se fazendo inexoravelmente adulto, que ele teme, desconhece e deseja e, provavelmente, que ele percebe aos poucos diferente do que idealizava ter quando adulto. Assim, querendo ou não, o adolescente é levado a habitar um novo corpo e a experimentar uma nova mente. Frente a esta transformação, desejada por um lado e por outro vivida como uma ameaça e uma invasão, o adolescente busca refúgio regressivo em seu mundo interno, dentro de si mesmo...”

A versão virtual deste comportamento nas aulas remotas, pode ser retratada como a câmera fechada durante as aulas, alguns, câmera e microfone fechados, restando apenas

ao professor usar o chat para a comunicação durante as aulas.

Tal comportamento reforça a ideia de que no jovem há uma necessidade de silêncio da manifestação de ideias e desejos.

Em contraponto, temos visto de forma muito recorrente este mesmo adolescente que usa o moletom em dias quentes, e a câmera fechada em sala de aula, em uma ampla exposição nas redes sociais.

Na sociedade contemporânea, têm-se observado grandes transformações sociais. A virtualização dos espaços sociais é uma delas, novas formas de comunicação não verbais, tecladas em códigos e muitas vezes apenas repassadas, distanciam aquilo que, na ingenuidade da adolescência, parassem aproximar. A ideia de ter milhares de amigos, mas sem trocas de afeto e experiências enriquecedoras, pode momentaneamente dar lugar a um vazio, que a pouca maturidade não é capaz de perceber. A mesma globalização que com suas ferramentas fantásticas é capaz de encurtar distâncias, também pode levar a um distanciamento e esvaziamento das relações humanas cotidianas. É nesse contexto que percebemos a alternância entre silêncio e fala.

A internet, redes sociais, e todo aparato tecnológico disponível em nossa sociedade, deram voz e vez a todos, não importando a condição social, uma vez que basta um telefone celular simples e internet mediana para se tornar um Youtuber ou Blogueiro. Por outro lado, o desejo por *likes* e seguidores trouxe com sigio o medo da perseguição, da ridicularização pública, da vergonha e do cancelamento.

A internet traz consigo, além das incertezas próprias desta fase, novas inquietações e conflitos pertinentes ao mundo virtual, que acabam por se somar à delicada complexidade do adolescente. Nesse novo contexto histórico, onde o mundo não tem mais fronteiras, onde é possível se dizer tudo mesmo sem palavras, quais são de fato os diálogos que se estabelecem entre os jovens?

Bahktin (1992) entende que dialogar não é somente uma “alternância de vozes” e sim “o encontro e a incorporação de vozes” dentro de tempo e espaço histórico. Para ele, a enunciação é sempre um ato de natureza social.

Segundo Vigotski (1998), para que se possa compreender os fenômenos sociais, faz-se necessário que se perceba seu contexto histórico, os movimentos dialéticos, assim como suas concordâncias e discordâncias.

As preocupações acerca do empobrecimento do diálogo, do distanciamento das relações humanas, e do desejo de abstenção de desenvolver suas próprias ideias de alguns jovens, trazem consigo questionamentos sobre aspectos que refletem as mudanças psíquicas e sociais da juventude diante do fenômeno da internet.

Segundo os teóricos como Vigotski e Piaget, é na interação que se constrói a aprendizagem. O desejo do jovem de excluir-se faz com que ele perca boa parte do processo de aprendizagem não apenas no âmbito educacional, mas também no aspecto evolutivo, de crescimento social e pessoal.

4 | INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR

Diante das incertezas próprias da adolescência, das tribulações de relacionamento com o outro, do sentimento de falta de compreensão, das dificuldades de enfrentamento do mundo real e virtual e de tantos outros conflitos típicos desta fase da vida, percebe-se um aumento da busca pelas salas de serviço de orientação educacional, consultórios de neuropsicopedagogos, psicólogos, psiquiatras e psicanalistas, como tentativa de aliviar as pressões sentidas pelo jovem.

Nessa busca continuada aos consultórios, percebe-se o aumento da medicalização e de uma ansiedade de, a todo custo, encontrar diagnósticos e tipificação de comportamentos juvenis, sobretudo no contexto escolar.

Tal realidade tem sido tão recorrente, que diversos materiais têm sido produzidos neste sentido. FANIZZI (2017,) em sua dissertação: *A educação e a busca por um laudo que diga quem és*, apresenta o argumento amparado por Landman (2015) e Patrick (2015) sobre a quantidade excessiva de diagnósticos que se tornou epidêmica no que tange aos transtornos de aprendizado, destacando o TDAH, visto que este último “é definido por sintomas e comportamentos não específicos que são amplamente distribuídos pela população em geral: falta de concentração, distração, impulsividade e hiperatividade” (FRANCES, 2015, *apud* LANDMAN, 2015 pag. 13)

Diante desta realidade, percebe-se uma juventude de certo modo adoecida, sobretudo no diz respeito ao diálogo e as relações humanas, que por vezes acabam por se manifestarem pela impulsividade, hiperatividade e apatia, não apenas no âmbito escolar, mas em escala social.

Embora não seja o escopo deste trabalho tratar as questões unicamente ligadas à medicalização juvenil e aos diagnósticos e laudos, não se poderia deixar de destacar tal assunto. Para que, uma vez dimensionando o tema, se pudesse propor uma intervenção psicossocial, baseada na troca e na comunicação.

Para a Organização Pan-Americana da Saúde, as medidas de intervenção psicossocial junto aos jovens devem ocorrer de maneira interdisciplinar e minimamente medicamentosa. Desta forma, pretende-se propor uma abordagem que ajude o jovem a (re)incluir-se nas dinâmicas sociais, de modo a aprender sobre o outro e sobre si mesmo, através de atividades que estimulem a comunicação e a escuta, que possam incentivar a socialização no âmbito pessoal. De forma que, ao lançar-se numa análise crítica e atenta sobre suas relações sociais, gostos e desgostos, o ajude a conectar-se com seu eu e, logo, com o outro. Para Vigotski “a passagem ao pensamento por conceitos é o passo decisivo, na adolescência, para o desenvolvimento da personalidade e da concepção de mundo do indivíduo” (VIGOTSKI, 1996, p. 198).

A proposta de intervenção à qual se propõe este trabalho diz respeito a promover espaços de escuta, conduzidos por iguais, distanciando as figuras de autoridade

(que passariam a ser apenas mediadores), proporcionado a oportunidade da troca e o aprendizado dinâmico através das experiências de empatia. Nas palavras da educadora Ana Cristina Dunker:

“Como criar um ambiente onde crianças, adolescentes e professores possam ver sua voz circular, possam escutar e ser escutados em seus encontros, uns com os outros e com o conhecimento?... E como criar um ambiente onde os indivíduos invisíveis tenham voz e sejam escutados? Penso que conseguimos isso um pouquinho a cada dia. (Dunker, 2020, pag.11)

A fim de promover tais espaços, propõe-se a participação de vários segmentos sociais para abrigar os encontros. Levando-se em consideração uma proposta de movimento interdisciplinar, faz-se importante buscar parcerias com profissionais diversos, bem como novos espaços como : ginásios, salas de dança, salas de artes, oficinas de teatro, academias, escolas, clubes e qualquer outro espaço que possa oferecer não apenas as acomodações físicas, mas a essência de naturalidade ao jovem.

De forma que não apenas orientadores educacionais, neuropsicopedagogos, psicólogos, psiquiatras e psicanalistas participassem deste processo, oferecer-se-ia o dialogo a partir da dança, da pintura, de atividades físicas, da interpretação... Aproximando o jovem de seus pares e de seu próprio eu, provocando o desejo de relacionar-se socialmente.

Nesse exercício de sociabilidade proposta, os mediadores trariam exercícios lúdicos que valorizassem, no primeiro momento, a escuta como forma de conhecer e integrar os grupos, com roda de conversas, apresentação pessoal e breve relato de sua vida e rotinas. Recomenda-se grupos com o máximo de 15 participantes.

Uma vez promovida a etapa de conexão, a proposta seguiria no sentido de privilegiar atividades diversas de expressões, como o canto, a dança, pintura, interpretação, esportes e outros (em diferentes encontros), sugere-se que ocorra ao menos semanalmente. As atividades deverão sofrer mínima interferência dos mediadores, como forma de incentivar a resolução de possíveis problemas ou dificuldade que surjam, criando um processo de comunicação entre os jovens. Por vezes, os mediadores poderiam ofertar ferramentas para intervenções psicossociais autoguiadas, como forma de controle de ansiedade e autorregulação.

O objetivo de tais exercícios, além de trabalhar sentimentos, emoções e direcionamento de energia, seria também alternar os papéis de liderança a cada encontro a fim de incentivar a autoconfiança. Ao término de cada atividade, haveria o momento da escuta, proporcionando a todos explorar os sentimentos que experimentaram ao longo do dia e abrindo um espaço para partilha pessoal para os que assim desejarem.

Sabe-se que, a exemplo dos grupos de autoajuda, apesar dos doze passos a serem seguidos, existem três aspectos fundamentais: a fala sem julgamentos, a troca de experiências e o reconhecer-se na fala do outro, mas no fim, é o desejo de estar ali por

reconhecer-se como parte do grupo, que promove o movimento de mudança de atitude e o sentimento de bem estar.

Desta forma, não se tem o desejo de impor a nenhum indivíduo que seja “salvo”, uma vez que se entende que, em um trabalho de intervenção psicossocial, não cabem estereótipos que perpetuem modelos de perfeição, que acabam por criar a ideia desigual de uma sociedade com perfil único de ser humano. Conforme proposto por Lacan, a ideia de identificar-se faz parte do eu social. Contudo, cada indivíduo tem o direito de suas próprias opções.

“O que desejo é a identificação com o grupo, porque é certo que os seres humanos se identificam com um grupo; quando não se identificam, estão fracassados, estão isolados. Mas, com isso, não digo a que ponto devem identificar-se” (Lacan, 1974-1975, pp. 64-65).

Esta proposta psicossocial tem por objetivo acolher o jovem em um espaço seguro no qual ele se reconheça como parte, que possa servir como apoio as suas necessidades, crie a prática de autoconhecimento e principalmente minimize as tribulações e conflitos psíquicos e emocionais que perpassam a juventude.

Freud valoriza a identificação com o outro e o estreitamento dos vínculos emocionais a fim de favorecer as relações sociais. Dessa forma, afirma:

“Tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens deve atuar contra a guerra. Esses vínculos podem ser de dois tipos. Em primeiro lugar, podem ser relações semelhantes àquelas relativas a um objeto amado, embora não tenham uma finalidade sexual... O segundo vínculo emocional é o que utiliza a identificação. Tudo o que leva aos homens a compartilhar de interesses importantes produz essa comunhão de sentimento, essas identificações. E a estrutura da sociedade humana se baseia nelas, em grande escala.” (Freud, 1996, p. 205).

Como resultado da proposta de intervenção psicossocial, acredita-se na hipótese de reaproximação interpessoal, que venha a servir como importante ferramenta social, ajudando o jovem a transpor com segurança a fase adolescente, criando alicerces emocionais, tornando-o mais seguro de si, criando o desejo de ouvir e ser ouvido. Para que, diante da troca das experiências que partilhou, possa sentir-se pleno na busca pela sua identidade de jovem adulto, de forma a valorizar seus desejos e sonhos, na percepção de descobrir-se um ser único, disposto a contribuir nos processos de fala e escuta.

5 | CONCLUSÃO

Observações que resultam da vivência com jovens e adolescentes trazem aos olhos aspectos interessantes da evolução humana e subjetiva. Dentre estes, destaca-se um comportamento que vem se marcando antagônico em seu mecanismo próprio, principalmente no espaço discursivo ampliado da internet: jovens que, por um lado, expõem-

se ao olhar externo em mídias sociais, mas que, por outro lado, evitam se expressar em outros espaços, como na sala de aula, seja esta física ou remota. O estudo buscou refletir acerca dessa dinâmica que coloca em movimento aspectos do âmbito psicossocial e discursivos

O aporte teórico trouxe subsídios que possibilitaram ver tal movimento na perspectiva de Bakhtin, permitindo abordar a questão a partir da constituição do jovem enquanto sujeito, através do outro. Assim foi possível observar como o jovem, na sua relação com a alteridade nas mídias sociais, coloca em funcionamento uma versão “eu-para-o-outro”, utilizando o termo de bakhtiniano, e aguardam ansiosamente pela aprovação desse olhar externo e onipresente da alteridade, que está sempre lá e que se manifesta através de likes, curtidas, *emojis*, compartilhamentos, comentários e outros. Em outras instâncias, porém, preferem se excluir de qualquer possibilidade de interação, como em salas de aula, sejam elas presenciais ou remotas, assumindo uma forma de se vestir e de não interagir que sugere um desejo de não serem vistos nem ouvidos.

Também foi possível, através da visão foucaultiana das tramas de interdições, perceber como, nos espaços educativos, como salas de aula, os mecanismos de controle do que é dito, de como é dito e de quem tem o direito de dizer coloca com em jogo as relações de linguagem e poder. E que, muitas vezes, o jovem parece preferir se abster, ou seja, abdica do seu direito privilegiado à palavra, e busca o silenciamento.

As considerações teóricas de Bakhtin, de Foucault e de Vigotski trouxeram à baila as questões de constituição da subjetividade, que se dá pelo outro, em função do outro, além da reflexão sobre as categorias que o “eu” assume para se relacionar com o outro. É com base nelas que emerge a necessidade de compreender as razões desse movimento de auto exclusão, trazendo conosco a pergunta de Foucault sobre os perigos de se adentrar na malha discursiva e o desejo de não entrar nesta ordem arriscada do discurso.

A partir dessa reflexão, as considerações de Vigotski sobre a importância da interação e das trocas sociais trouxeram à tona uma preocupação: esses jovens, ao se excluírem de certas instâncias de fala e de participação, principalmente no âmbito escola, estariam sujeitos a prejuízos tanto a sua constituição subjetiva quando a sua evolução e conquista de conhecimentos, na preparação e expansão rumo à vida adulta.

Fez-se necessário, portanto, buscar elementos biológicos, fisiológicos e psíquicos que norteassem as razões pelas quais os adolescentes chegam a esta etapa, onde apesar de já possuírem a fluência na língua materna, preferem silenciar não apenas as palavras, mas também o corpo. Abrindo mão de uma conexão pessoal e preferindo abraçar os espaços virtuais.

Assim, foram trazidos elementos multidisciplinares, de que, em certa medida, se constituem em espaços e momentos de intervenção, em uma tentativa que se funda não no desejo de moldar indivíduos para se “ajustarem” ao que seria “normal”, mas para oferecer apoio através da mesma alteridade que é percebida por esses jovens como algo

ameaçador. Dito de outra forma, se antes, o outro oferecia a ansiedade pela aprovação e perigo pelo o julgamento do olhar externo sobre ele, levando-o a não desejar se mostrar, a intervenção vem trazer essa alteridade agora para que seja estabelecida uma escuta, em que os jovens possam se aproximar de seus pares e, ao ouvi-los, perceber que os mesmos problemas, as inibições, os conflitos e os desafios fazem parte dessa fase da vida e podem ser compartilhados.

É justamente no signo linguístico, no campo do discurso, de onde o sujeito tenta se esquivar, que está aquilo que pode libertá-lo da ansiedade que o olhar do outro pode causar. A escuta pode ser a instância onde o sujeito pode se encontrar através do outro, reconhecendo-se nele e se deixando reconhecer no outro. Nesse encontro, espera-se reestabelecer o aspecto relacional, com todas as implicações, conflitos, desejos e possibilidades de desafios.

REFERÊNCIAS

VYGOTSKY, L. Pensamento e Linguagem. 2ed. São Paulo: Editora Marins Fontes. 1998.

Bakhtin, M. (1981). Marxismo e filosofia da linguagem. (2. ed.). São Paulo: Hucitec. (Trabalho original publicado em 1929).

BAKHTIN, M (V.N. Volochinov) Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Editora Huritec 1992.

BAKHTIN, M. Arte e responsabilidade. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

OUTEIRAL, J.O. Adolescência: estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KNOBEL, M. Normalidade, responsabilidade e psicopatologia da violência na adolescência. In: LEVISKY, D.L. et al. Adolescência e violência: consequências da Realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-15022018-104643/publico/VOLUME1.pdf>

Freud, S. (1996c). Por que a Guerra? In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas (Vol. 21, pp. 191-208). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1933).

Lacan, J. (1974-1975). O Seminário, Livro 22: RSI. Edição não comercial
<https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>

Foucault, Michel. A ordem do discurso. 20 ed. São Paulo: Loyola, 2010. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio.

FREITAS, M. T. A. Identidade e alteridade em Bakhtin. In: Paula. L. de; STAFFUZA, G. (Org.). Círculo de Bakhtin: pensamento interacional. Campinas: Mercado de Letras, 2013. V. 3, p.191)

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem centrada na pessoa 1, 3, 10, 11, 13, 14, 15, 18, 23, 24, 25

Adolescentes 1, 3, 22, 72, 74, 79, 82, 83, 84, 85, 87, 106, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 162, 163

Análise do discurso 72

B

Boa vontade 65, 126, 127, 128

C

CAPSi 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163

Conjugalidade 91, 130, 134, 135, 136, 142

Crianças 1, 3, 7, 13, 14, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 82, 87, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 168

D

Desejos instintuais 126, 128

Diversidade 4, 94, 105, 106

E

EAA no ambiente escolar 110, 111, 123

Educação 37, 41, 46, 47, 49, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 81, 87, 89, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 122, 123, 124, 125, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 152, 155, 156, 157, 162, 163, 183

Escola 3, 12, 19, 34, 41, 42, 46, 48, 51, 56, 58, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 76, 84, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 104, 110, 113, 116, 122, 123, 124, 142, 152, 154, 155, 156, 157, 171, 182

Estágio supervisionado 1, 6, 10, 13, 14, 16, 23

Estresse 27, 28, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 167, 168, 169, 170

F

Fracasso escolar 45, 46, 47, 48, 49, 51, 57, 59, 61, 65, 96

H

História da psicologia brasileira 32, 39, 43, 44

Homens 28, 64, 83, 136, 140, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 175

I

Inclusão 4, 46, 49, 103, 106, 145, 154, 174

Interdisciplinaridade 165, 167

Intersetorialidade 151, 152, 153, 159, 162, 163

Intervenção psicossocial 72, 81, 83

Intervisão 1, 4

J

Jogo 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 57, 58, 60, 61, 67, 74, 75, 76, 84

L

Leitura para cães 110, 111, 114

Liberdade afetiva 130, 136

Literatura infantil 105, 106, 107

M

Madre Cristina 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38

Moral 65, 70, 91, 126, 127, 128, 138

N

Necessidades humanas básicas 171, 172, 173, 175, 177, 181

O

Oficina terapêutica 172, 181

P

Pais 1, 3, 4, 19, 21, 34, 41, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 92, 93, 98, 146, 149, 153, 158, 160, 162, 168

Patriarcalismo 143, 144

PIC's 165, 166, 167, 168

Pioneiros 32, 38, 39, 40, 42, 43, 44

Poliamor 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142

Problematização 143, 146, 147

Professores 6, 22, 34, 47, 50, 51, 54, 59, 68, 73, 82, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 115, 145, 148, 155, 156, 157

Psicologia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 59, 60, 61, 99, 101, 102, 103, 104, 112, 115, 123, 124, 125, 127, 128, 130, 142, 149, 154, 156, 165, 166, 167, 169,

170, 183

Psicologia da saúde 1, 12

Psicologia histórico-cultural 45, 47, 48, 49, 51, 53, 59, 60, 61

Psicoterapia infantil 13, 14, 15, 18, 23

Psicoterapia sócio-histórica 26, 31

Psique 61, 125, 126, 127, 128

R

Razão pura 126, 127

Reflexão conjunta 106

Relações afetivas e sexuais 130

S

Saúde 1, 2, 4, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 41, 42, 43, 49, 61, 64, 67, 68, 81, 86, 87, 89, 93, 95, 97, 100, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 115, 116, 121, 123, 124, 125, 147, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 181, 182

Saúde mental 12, 19, 22, 23, 24, 28, 31, 42, 86, 87, 93, 102, 110, 111, 116, 121, 124, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 169, 172, 173, 174, 177, 181, 182

Saúde mental infanto-juvenil 151, 153, 154, 162

Sofrimento psíquico 26, 27, 28, 29, 31, 151, 154, 156, 157, 158, 159

T

Treinamento de professor 106

U

Ulysses Pernambucano 39, 40, 42, 44

Universitário 26, 27, 28, 32, 124, 130, 142, 143, 151, 153, 165

V

Versão de sentido 1, 5, 7, 8, 11

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



CONSCIÊNCIA e ATIVIDADE:

Categories fundamentais da psicologia

 **Atena**
Editora
Ano 2021

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



CONSCIÊNCIA e ATIVIDADE:

Categories fundamentais da psicologia

 **Atena**
Editora
Ano 2021